

A indispensabilidade das redes interpessoais na República Romana: O caso do exílio ciceroniano (I A.E.C.)

The indispensability of interpersonal networks in the Roman Republic: The case of the Ciceronian exile (I B.C.E..)

Rafaela Manha da Costa¹, UNESP

Resumo

O desterro de um cidadão não implica tão somente isolamento geográfico de sua cidade originária, indica sobretudo o afastamento de seu centro social e político. Na Antiguidade, essa exclusão poderia prejudicar a carreira e o *status* do exilado em níveis críticos. Marco Túlio Cícero experienciou o exílio entre 58 a 57 A.E.C. e especialmente por meio de seus registros epistolares faz-se possível remontar os desafios que o atingiram neste período. Distante de todos, Cícero encontrou nas redes de sociabilidade um caminho seguro para manter-se conectado a Roma. Nesse processo, destaca-se o vínculo que mantinha com Tito Pompônio Ático e Pompeu Magno. O objetivo deste trabalho é explorar essa influência exercida por essa tríade na aceitação do retorno do senador exilado, bem como considerar a função desempenhada por cada um dos personagens dentro dessa rede de contato.

Palavras-chave: Cícero; Exílio; Cartas; Sociabilidade

Abstract

The banishment of a citizen does not only imply geographic isolation from his original city, it indicates above all the removal from his social and political center. In antiquity, this exclusion could damage the career and status of the exiled to critical levels. Marcus Tullius Cicero experienced exile between 58 and 57 B.C.E. and, especially through his epistolary records, it is possible to retrace the challenges that affected him during this period. Far from everyone, Cicero found in the networks of sociability a safe way to stay connected to Rome. In this process, the ties that he maintained with Titus Pomponius the Atticus and Pompey the Great stand out. The aim of this paper is to explore the influence exerted by this triad in the acceptance of the exiled senator's return, as well as to consider the role played by each of the characters within this network of contact.

Keywords: Cicero; Exile; Letters; Networks

A prática do exílio na sociedade romana antiga tem um longo histórico, remontando ao século III A.E.C. com o primeiro registro de proscrição e banimento². Nesse sentido, é possível localizar materiais que apresentam descrições minuciosas sobre os episódios de exílio

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Franca/São Paulo, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Margarida Maria de Carvalho. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº: 2023/03285-8. Pesquisadora integrante do Grupo Laboratório de Estudos sobre o Império Romano G.LEIR (Unesp/Franca).

² Em sua documentação, Tito Lívio descreve variadas proscrições que foram aplicadas em Roma, por meio desses apontamentos, ele cita a aplicação mais antiga, localizando-a em 213 A.E.C. Nesse caso, trata-se de uma proscrição liderada pelos edis plebeus pela má conduta de algumas mulheres, reportando o crime de maneira pública - prática atípica quando diz respeito a figuras femininas (GORDON, 2006, p. 161).

envolvendo cidadãos romanos, por exemplo, os escritos de Tito Lívio ou os registros de Cícero sobre seu próprio banimento, mas em outros casos muitas vezes as menções são superficiais, contando apenas com citações breves e datações. De qualquer maneira, considerando a cronologia tradicionalmente atribuída à República Romana³, nos quase 500 anos desse regime a noção de exílio foi aplicada de formas diversas. Dessa forma, ser um cidadão romano exilado poderia indicar: a extensão de serviço militar para generais em campanhas distantes de Roma, uma viagem por motivos pessoais, retirada para o exílio voluntário, banimento por proscricção, *relegatio*⁴ determinado pelo Senado, entre outros (BUENO ESPINOSA, 2014; GORDON, 2006).

Ainda nesse raciocínio, considerando a ideia do banimento como uma condenação para os homens à época, em seu trabalho *A History of Exile in the Roman Republic*⁵, Kelly Gordon (2006, p. 13) adota a perspectiva de que o exílio atuava tal como uma “válvula de escape” para a sociedade antiga, assim sendo aplicado em circunstâncias que pudessem ameaçar o ideal cívico de *concordia* ou em momentos de disputas dentro da elite romana. Nesse viés, segundo Gordon (2006, p. 39-40) as sanções de banimento contavam com elementos “quais legais” e teriam adquirido esse caráter com os desdobramentos da República. A aplicação do isolamento enquanto um recurso de punição foi explorada nas décadas turbulentas do I A.E.C.; a título de exemplo, durante o consulado de Cícero em 63 A.E.C. ocorreu a aprovação pelo Senado e pela população da *Lex Tullia de ambitu*⁶, a qual apresentava o exílio como consequência para aqueles que não respeitassem as determinações da lei contra corrupção (CLAASSEN, 1992, p. 23). Já década de 50 A.E.C., bem como demonstra o estudo de Gordon, há uma presença substantiva de leis que configuram o exílio na qualidade de condenação, visto a *lex Licinia de sodaliciis*⁷ de 55 A.E.C. (GORDON, 2006, p. 44).

Outrossim, considerando ainda os aspectos do processo de banimento dos cidadãos romanos na República, estende-se a discussão sobre o banimento ser ou não um direito dos

³ A periodização estabelecida pela vertente mais tradicional da historiografia antiga localiza o início desse regime de governo em 509 A.E.C., com o fim do período monárquico, reconhecendo o declínio da República a partir de 133 A.E.C., devido à crescente violência e conflitos políticos, com seu encerramento definitivo em 27 A.E.C., após a nomeação de Otaviano como Augusto e sua nova organização de governo.

⁴ A *relegatio* era uma maneira de operar o banimento de um indivíduo por meio de um decreto estabelecido pelos magistrados. Ainda que seja difícil precisar quão poderosa era essa determinação quando aplicada contra cidadãos romanos, sabe-se que o uso da *relegatio* para a expulsão de estrangeiros em Roma era significativo (GORDON, 2006, p. 66).

⁵ Uma história do Exílio na República Romana

⁶ Apoiada pelos dois cônsules à época - Cícero e Caio Antônio Híbrida -, a lei tinha como proposta proteger as eleições da corrupção e outras práticas imorais.

⁷ Para garantir a vitória na eleição para o consulado de 55 A.E.C., Pompeu e Crasso lançaram mão de movimentos que desafiavam as leis daquela sociedade antiga. A fim de prevenir que seus adversários fizessem uso do mesmo poder, Crasso propôs a *Lex Licinia de sodaliciis* que criava um reforço maior contra a corrupção

cidadãos romanos. A perspectiva de que a saída voluntária da cidade era uma garantia aos cidadãos gera discordâncias entre fontes e historiadores. Para algumas fontes, a saída por vontade própria atuava como um dispositivo de proteção para aquele sujeito que estivesse enfrentando acusações ou um julgamento e, nesse sentido, era entendida como um direito. Nesses casos, portanto, o cidadão poderia optar por abandonar a cidade antes de que uma sentença fosse emitida pela assembleia, essa garantia era entendida como *ius exulare* (ZAERA GARCÍA, 2017, p. 15). Infelizmente, é difícil determinar a formalização dessa garantia enquanto lei, os registros que trazem inúmeras divergências e pela ausência de elementos que indiquem seu aspecto legal, ganha espaço a perspectiva de que o isolamento voluntário tinha relação com os hábitos ancestrais. Sobre isso, de acordo com os argumentos de Gordon (2006, p. 25), tem prevalecido a sugestão de que esse não era um direito pontualmente estabelecido.

Outrossim, faz-se necessário salientar a perspectiva defendida por Cícero em seu discurso *Pro Caecina* de 69 A.E.C. Nessa exposição, o arpinate⁸ enfatiza que o exílio não deve ser interpretado como uma condenação, mas sim um refúgio da penalização a ser sofrida. Além disso, ele acaba por diferenciar o banimento forçado - quando o regime tem embasamento para suspender a cidadania de um indivíduo, assim levando-o para o isolamento - e o exílio voluntário, o qual a cidadania não é retirada pelo governo, o indivíduo deixa a cidade em um auto-exílio a fim de driblar obstáculos e processos maiores (ZORIC, 2012, 77-78). Portanto, a retirada voluntária de um cidadão, que estivesse enfrentando crises políticas e sociais, era visualizada como um mecanismo de proteção. Corroborando com essa exposição, sabe-se que ao optar pelo exílio voluntário o cidadão romano protegia sua cidadania, podendo ter seu quadro de isolamento revertido em algum momento - tal como ocorreu com Cícero em 57 A.E.C. Evidentemente que as cidades procuravam estratégias que as assegurassem nessas situações, com a intenção de evitar que o auto-exilado retornasse a qualquer momento. Assim, estabelecia-se muitas vezes a interdição *aqua et igni interdictio*. Em uma tradução literal esse era um “impedimento de água e fogo” e, ainda que existam poucas fontes do período republicano que nos elucidem melhor sobre as determinações desta interdição, sabe-se que ela era aplicada para proibir o estabelecimento do exilado em território romano, assim prejudicando seus contatos e seus recursos, como a “sua água e fogo” (ZAERA GARCÍA, 2017, p. 16).

Devido ao amplo escopo de registros ciceronianos preservados, desde os tratados, discursos às cartas, grande parte da segunda metade do século I A.E.C. pode ser investigada

⁸ Adjetivo empregado para referenciar a Cícero, visto que sua origem é na região do Arpino - área próxima a Roma.

mais detalhadamente. Nesse sentido, ao discutirmos exílio na República Romana, ganha luz o episódio envolvendo o senador romano Marco Túlio Cícero, o qual permaneceu em banimento entre 58 a 57 A.E.C. Em um estudo recente sobre o exílio na República Romana, *El exilio tardorrepblicano en la figura de Marco Tulio Cicerón*⁹, Manuel Espinosa Bueno (2014) investiga o que era e como se dava o processo de isolamento de um cidadão romano na República Tardia e o autor percorre o caminho de seu estudo por meio de uma análise detalhada do exílio ciceroniano. Nesse estudo, o autor organiza os períodos pré, durante e pós-exílio em três capítulos distintos, explorando diversos ângulos do banimento à época e a trajetória política e pessoal desse personagem tão relacionado à República Romana. Ainda sobre os estudos que possuem o exílio como objeto de análise, Alessandro Oliveira (2019) em sua dissertação *QVID ENIM SVM? O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana* analisa a condição de ser um cidadão exilado na República, mas concentrando-se na figura de Cícero. Para esse percurso, o autor explora minuciosamente as epístolas ciceronianas, dando ênfase no papel determinante que elas tiveram no período de banimento do arpinate. Em seu raciocínio, Oliveira (2019, p. 19) acaba por tecer considerações valiosas acerca da necessidade que esse romano tinha de seus amigos (*amici*) nesse período, afinal foi por meio desses que Cícero manteve algum contato com os episódios políticos e familiares em Roma.

Apesar dessas menções, faz-se imprescindível registrar que o exílio ciceroniano tem sido um tema pouco abordado pelos estudiosos, em especial na área histórica. Com efeito, vale frisar que considerando o espaço disponível, considerar-se-á que os elementos supracitados no tocante a prática do banimento na República servem-nos e permitem o avanço do raciocínio deste trabalho; isso para que seja possível atingir o principal objetivo deste trabalho: compreender a utilização política que o arpinate fez de sua rede de sociabilidade com Ático e Pompeu durante o período em que esteve isolado. Nesse aspecto, faz-se necessário primeiramente traçar de modo mais pormenorizado como se deu o isolamento de Cícero, bem como os desdobramentos que o levaram até a aprovação de seu retorno pelos magistrados em 57 A.E.C., para enfim analisarmos a aplicação que deu à sua rede de sociabilidade nesse evento.

Nascido na região do Arpino, Cícero foi o primeiro de sua família equestre a ingressar na vida pública em Roma, isso acabava por colocá-lo em uma posição inferior aos outros homens políticos de origem aristocrática na cidade. É a partir disso que a denominação *homo novus* é aplicada ao arpinate. Nesse ínterim, sua campanha política esteve - tanto quanto os outros cidadãos - atrelada à sua boa conduta e status. De fato, foi por meio de seu discurso de

⁹ O exílio tardo-republicano na figura de Marco Túlio Cícero.

honra, tradição para com a República e, particularmente, dos bons vínculos sociais mantidos por ele que Cícero garantiu sua ascensão ao *cursus honorum*, ocupando o cargo de cônsul em 63 A.E.C. Essas considerações são indispensáveis visto que a caminhada até o momento de seu exílio - o qual marcou o perigo de sua carreira - tem início na década de 60 A.E.C., com seu envolvimento em conflitos públicos e, conseqüentemente, a crescente rivalidade política que nutria com homens poderosos. Sobre isso, a historiografia localiza um ponto para convergência: o desterro de Cícero é processado devido a uma sucessão de indisposições políticas, em especial, o seu papel na Conjuração de Catilina, a rivalidade com Públio Clódio Pulcro e as desavenças com os triúviro¹⁰. Ainda nessa ótica, algumas identificações objetivas sobre essas causas são significativas ao entendimento do episódio.

Em 63 A.E.C., após a vitória de Cícero como cônsul nas eleições, alguns rebeldes organizaram-se para atacar Roma. Os planos foram revelados por meio de missivas interceptadas por Marco Crasso, que as entregou para o arpinate. Liderados por Lúcio Sérgio Catilina - cidadão que já havia pretendido a disputa para o cargo de cônsul e perdido diversas vezes -, os conspiradores deveriam atacar os magistrados eleitos. Enquanto uma figura de autoridade, Cícero contornou a situação de maneira que Catilina foi banido e os cidadãos envolvidos acabaram mortos sem julgamento prévio. A decisão não agradou a todos e isso entregou argumentos aos adversários políticos de Cícero, os quais passaram a apontá-lo como um tirano (PINA POLO, 2016, sem paginação). Somando-se a esse episódio, Cícero alimentou a rivalidade que possuía com Públio Clódio Pulcro ao atuar contra esse político em seu julgamento pelo sacrilégio cometido na cerimônia da *Bona Dea*¹¹ em 62 A.E.C.

Ainda nessa ótica, é preciso considerar como a sua relação instável com os triúviro influenciou diretamente o processo de seu isolamento. Para o arpinate essa coligação atacava os princípios e a tradição da República, logo, desde a formação da aliança entre os três generais, Cícero manteve um posicionamento polêmico e incômodo para o horizonte de Júlio César, Pompeu e Crasso. Mesmo seu relacionamento próximo com Pompeu, devido às suas trajetórias públicas que se cruzaram inúmeras vezes, viu-se prejudicado nesse período visto a divergência de posicionamento político. Atuando contra os movimentos desses homens, Cícero não

¹⁰ A tríade foi realizada com Júlio César, Marco Crasso e Pompeu Magno por meio de um acordo firmado em 60 A.E.C., fundada com o objetivo de garantir os interesses políticos individuais dessas figuras (TEMPEST, 2011, p. 130-131). Vale observar que a comum designação 1º triúvirato à coligação é inapropriada, visto não ter sido um acordo formal, tal como posteriormente seria firmado entre Otávio, Antônio e Lépido em 43 A.E.C. (BRANDÃO, 2015, p. 391).

¹¹ Esse era um culto romano destinado à deusa da fertilidade, que deveria ser frequentado exclusivamente pelas mulheres e celebrado na casa do áugure. Em 62 A.E.C., a celebração estava acontecendo na casa de Júlio César - áugure naquele momento -, a cerimônia que estava sendo celebrada pela mãe do general e outras mulheres foi invadida por Clódio desrespeitando a tradição e crença (ESPINOSA BUENO, 2014, p. 17-18).

suavizou suas opiniões, deixava seu confronto explícito por meio de discursos e falas que atacavam a imagem dessa tríade (OLIVEIRA, 2019; TEMPEST, 2011). Essa contestação fica evidente em suas cartas para Ático, bem como se lê no seguinte trecho enviado em 59 A.E.C.: “Agora Roma está morrendo de uma enfermidade nova, pois todos desaprovam, queixam-se e lamentam o que se tem feito [...]” (Cic., *Att.*, II. 20).

Com efeito, Cícero encontrava-se em um cenário desfavorável em sua esfera política. Afinal, ele caminhava contra aqueles homens que exerciam maior controle sobre Roma e, conseqüentemente, assistia ao abalo de sua plataforma para defesa ao envolver-se em diferentes disputas públicas. Em contrapartida, no decurso de 59 A.E.C., Clódio fortaleceu suas conexões dentro da República a partir de uma aproximação notória com os triúmviros, criou articulações que lhe garantiram poder o suficiente para vingar-se pelo esforço de Cícero em incriminá-lo pelo episódio da *Bona Dea*. O estopim desse jogo de tensões políticas deu-se com um discurso público que o arpinate realizou defendendo Antônio Híbrida em 59 A.E.C., o agravante foi que ele fez ataques aos triúmviros em sua arguição. Ao saberem disso, Júlio César e Pompeu alinharam seus interesses com Clódio, facilitando a adoção desse patrício a uma família plebeia para que ele pudesse concorrer às eleições para tribuno da plebe¹² e articular uma ação direta contra Cícero (TEMPEST, 2011, p. 118).

A popularidade de Clódio durante seu período enquanto tribuno da plebe selou o destino do arpinate para o exílio. Ele trabalhou de maneira a consolidar sua imagem perante à plebe romana e por meio dessa promoção política, Clódio obteve anuência da população para estabelecer a *Lex Clodia de capite ciuis romani* (Lei Clódia pela vida de um cidadão romano), cuja a determinação era condenar ao desterro aqueles homens que tivessem sentenciado cidadãos romanos à morte sem a realização de um julgamento prévio. Esse decreto atingia diretamente a Cícero, desde que essa foi a punição que apresentou aos insurgentes de 63 A.E.C., quando ele ainda era cônsul (OLIVEIRA, 2019, p. 16-17). Dessa maneira, o projeto de lei inegavelmente havia sido estruturado de maneira que pudesse afetar Cícero, a fim de fazê-lo ser retirado de Roma (TEMPEST, 2017, p. 120).

Com isso em mente, podemos alcançar o momento da partida propriamente dita. Não há um consenso historiográfico o dia exato em que Cícero tomou a decisão de deixar Roma, discute-se quando teria acontecido a escolha: se antes que o plano de lei fosse aprovado e

¹² O cargo de tribuno da plebe foi criado no século V A.E.C., sendo uma função exclusiva para homens plebeus, a fim de garantir que os interesses dessa parcela da sociedade fossem representados na esfera pública. Nesse sentido, com origem aristocrática na *gens Claudia*, Públio Clódio Pulcro precisava transferir-se a uma família plebeia para concorrer ao cargo (OLIVEIRA, 2019, p. 16).

estabelecida uma sentença oficial contra ele ou se ele teria optado por abandonar a cidade no momento em que se deu o decreto para sua retirada. Em vista do espaço disponível, verifica-se em síntese que para a historiografia do século XXI, a sentença de exílio foi aprovada quando o arpinate já se encontrava fora da cidade (PEREZ-MEDINA, 978-979). Novamente, há um debate extenso sobre o mês exato em que Cícero seguiu para o desterro, isso porque existem algumas lacunas na documentação que não nos permitem precisar essa data. De qualquer forma, é plausível ponderar que a sua saída tenha ocorrido entre março e agosto de 58 A.E.C. Ainda sobre os aspectos mais formais do desterro, é necessário pontuar que devido a auto-retirada desse político, Clódio processou a *aquae et ignis interdictio* e por meio dessa deliberação houve o confisco das propriedades de Cícero, a consagração de sua casa no Palatino à deusa *Libertas* (GORDON, 2006, p. 112-113).

Nesse raciocínio, precisamos levar em consideração que isolado de seu centro político, Cícero era dependente da comunicação escrita para realizar manter sua figura viva na esfera pública romana e sobretudo alimentar sua causa de retorno. A troca epistolar foi o principal dispositivo empregado pelo arpinate para cultivar suas alianças políticas, evitando que caísse em esquecimento. Nesse ínterim, são o caminho mais sólido para compreender o cotidiano e os eventos que impactaram o exilado, desde que esses materiais abrem um leque de possibilidades para o estudo do banimento ciceroniano. Os sentimentos de tristeza, abandono e a desesperança sobre sua causa são temas constantes, especialmente em suas cartas para seu amigo Ático, o qual foi seu principal correspondente nesse período de isolamento. Conforme contabiliza Oliveira (2019, p. 19), das 34 cartas que o arpinate enviou no momento do exílio, 27 foram para Ático. Nessas cartas em específico, os tópicos tratados em sua maioria cercam: pedidos por informações, lamentos pela solidão, a fragilidade mental de Cícero, a revolta por ter confiado em pessoas falsas, o desejo em articular seu retorno a Roma.

A despeitos da comunicação epistolar, é válido recortarmos que esse era um recurso muito utilizado pelos homens romanos. Mesmo havendo um cuidado duplicado com relação aos assuntos registrados e opiniões emitidas, isso porque a comunicação epistolar envolvia uma rede de confiança - que muitas vezes era rompida - para a troca de correspondências visto ser uma conversa materializada, era esse tipo de comunicação que permitia a formação e restauração de vínculos quando a distância se colocava entre os correspondentes (WHITE, 2010). E Cícero fez um uso significativo desse recurso, sabe-se que havia uma intensa comunicação escrita por parte desse senador em seu cotidiano. De mais a mais, segundo algumas perspectivas, é factível mapear que durante o banimento o contato entre o arpinate e

Ático era diário, isso se verifica pela fluidez da comunicação que se apresenta nas cartas e também devido à maneira direta que se expressa (OLIVEIRA, 2019; WHITE, 2010).

Captando com lentes gerais, constata-se quão relevantes esses escritos eram para a manutenção das redes de sociabilidade na República Romana. Assim, naturalmente linhas tênues entre materiais privados e públicos são construídas pelos escritores antigos, o próprio Cícero seguia estruturas diferentes em seus contatos a depender do contexto e do destinatário (MALHERBE, 1988, p. 12). O cuidado com a escrita era intrínseco, é preciso observar a política de polidez que seguia a comunicação epistolar dentro dessa sociedade antiga. Isso decorria da preocupação em abordar os assuntos corretamente, evitando que o receptor realizasse interpretações errôneas ou não fosse convencido a prestar alguma ajuda. Ademais, as cartas para Ático são marcadas pela despreocupação estrutural, a qual permitia que Cícero costurasse diferentes assuntos em ordens variadas. Esse modo de escrever indica a intimidade que havia entre esses dois personagens. Isso traz, por exemplo, as elipses como marcadoras dessa intimidade, pressupõe-se que um saberia o suficiente acerca dos acontecimentos na vida do outro ao ponto de não ser necessário explicá-los em cartas (VON ALBRECHT, 2003). De qualquer maneira, embora o vínculo mantido por eles seja anterior ao exílio e com isso houvesse intimidade circunscrita à essa relação, não podemos ignorar a assiduidade na comunicação durante o exílio, posto que nesse momento de crise, Cícero esteve completamente dependente de seus relacionamentos e alianças.

Em um espectro geral, constata-se como a articulação de alianças e consolidação de boas relações na esfera pública eram inerentes aqueles homens que desejavam ascender ao *cursus honorum* na República (BRUNT, 1988). De acordo com a pesquisadora Cristina Rosillo-López (2020, p. 92), especialmente durante o século I A.E.C. é possível observar que a política romana era dominada por alianças políticas com prazos específicos. Seguindo essa lógica, enquanto um homem novo, Cícero sempre esteve preocupado com sua rede de sociabilidade. Sobre esse aspecto, Kathryn Lomas (2019, p. 55) registra que esse orador possuía um extenso círculo de conexões, o qual passava por manutenção e reforçava laços recorrentemente. De fato, esse era um aspecto interessante para um homem como ele, isso é que precisava garantir-se em meio a aristocracia na cidade de Roma, era exclusivamente por intermédio desses vínculos que ele tinha acesso a informações privilegiadas, transitava por grupos relevantes e exercia influência.

Os usos que ele empregava para suas redes de contato eram diversos e esses relacionamentos possuem naturezas múltiplas. A despeito do espaço disponível para essa discussão, não iremos nos alongar na discussão que toca à orientação que essas relações

possuíam; abordando de maneira ampla, esses vínculos poderiam ocorrer em termos estritamente políticos, bem como eram as ligações de patronagem e o *hospitium*¹³, a *vicinitas*¹⁴, vínculos de parentesco, hereditariedade, entre outros (LOMAS, 2012, p. 197). Com a preocupação de Cícero em sustentar uma ampla rede de vínculos, podemos situá-lo em alguns desses relacionamentos, bem como exemplifica Lomas (2019). Nascido no Arpino, Cícero permaneceu com fortes vínculos na região por meio da *vicinitas*, ele mantinha sua sociabilidade com a vizinhanças e gerava uma rede para favores.

Outrossim, havia também a união mediante a *amicitia* - sendo esta nosso foco para análise. Esse tipo de relação exige um trabalho cuidadoso, não apenas devido às dissonâncias das interpretações historiográficas atuais, mas também pela ausência de uma definição comum entre os próprios escritores antigos. Em seu discurso *De Amicitia*, escrito em 44 e dedicado a Ático, Cícero discorre sobre a importância da amizade verdadeira e quais seriam seus valores. A argumentação levantada por ele indica que esse seria um relacionamento estruturado na *fides* e no afeto, assim, a amizade nasceria da semelhança entre os homens e do cuidado de um para com o outro. Ademais, o orador reconhece que as amizades podem proporcionar vantagens para os indivíduos envolvidos, ainda que não seja seu objetivo verdadeiro. Na historiografia há um debate profundo sobre as características e os interesses que cercam a amizade romana antiga, mas para caminharmos objetivamente é preciso pontuar que concordamos com a perspectiva defendida por Craig Williams (2012) em sua obra *Reading Roman Friendship*¹⁵. De acordo com esse pesquisador, a *amicitia* estava inscrita às interações sociais do período antigo e poderia ser executada em dois níveis: (1) puramente na esfera pessoal, contemplando sentimentos de afabilidade e confiança ou (2) como um instrumento para alianças no cenário político.

Consolidado esses elementos, torna-se realizável colorir como Cícero exercia essa sociabilidade com seus amigos (*amici*). Bem como argumentamos acima, esses vínculos eram empregados por todos os homens políticos à época, mas quando falamos diretamente sobre o arpinate existem alguns elementos a serem considerados, sendo o que mais nos desperta interesse: a maneira como ele era capaz de articular essas redes em momentos de crise em sua vida. Tomando um de seus vínculos para exame, Charles Williams Júnior (2013) traça como a

¹³ Os dois relacionamentos mencionados configuravam como vínculos de dependência; a patronagem ocorria entre dois indivíduos com posições sociais necessariamente distintas, onde o cliente realizava troca de favores com seu patrão; o segundo, caracterizava-se como uma obrigação hereditária, onde vários núcleos de pessoas espalhadas geograficamente relacionavam-se com um homem central, o qual articulava esses contatos (LOMAS, 2012, p. 202).

¹⁴ Ligação que ocorria por um senso de vizinhança, comunidades locais que acabavam prestando suporte a um indivíduo exclusivamente pelo seu local de origem (LOMAS, 2019).

¹⁵ Lendo a Amizade Romana.

interação entre Pompeu e Cícero configurava-se em uma conveniência mútua. Nessa perspectiva, ao analisarmos essa interação mais de perto, nota-se como o apoio que havia entre essas figuras foi decisivo na formação da imagem pública de ambos. Entre as diferentes situações, exprime-se por exemplo, a aprovação da *Lex Manilia*¹⁶ em 66 A.E.C., a qual foi processada por efeito do suporte público que Cícero ofereceu ao discursar favoravelmente ao general.

Todavia, é indispensável salientar que os relacionamentos interpessoais não eram blocos sólidos e permanentes. A valer, a prática de criar laços e de repente desfazê-los era algo comum para esses homens políticos. Isso corresponde à própria característica do cenário público na República Romana, as estratégias e decisões eram alteradas constantemente e os alinhamentos políticos de um momento poderiam já não ser mais favoráveis outrora. (TEMPEST, 2011, p. 78). Essa maleabilidade naturalmente gerava circunstâncias desagradáveis para aqueles envolvidos nas redes, afinal, todos os contatos se tornavam incertos. Ora, os vínculos formados por Cícero não estavam isentos dessa maleabilidade, tanto quanto as outras figuras com as quais estava envolvido, ele vivenciava as benesses e amarguras dessa flexibilidade. Inclusive dentro de vínculos apresentados por ele - tal como a amizade -, o próprio Cícero sentia-se livre para se afastar quando elementos desfavoráveis emergiam; os próprios ideais da amizade, por exemplo, eram usados por ele a depender a situação (MOFFITT-BROWN, 2019, p. 4).

De qualquer maneira, no banimento Cícero inegavelmente esteve mais dependente de sua rede interpessoal do que nunca. Comunicando-se por intermédio das epístolas, ele era capaz de ajustar sua presença em Roma mesmo que se encontrasse isolado geograficamente. Dentro dessa perspectiva, acrescentamos que para além de contar com seus amigos, o arpinate precisou reestabelecer conexões, exatamente como fez com Pompeu. Bem como observamos anteriormente, a instabilidade dentro desse relacionamento colocou o general como um dos elementos responsáveis pelo banimento ciceroniano. Isso é, defendendo os seus interesses no momento, Pompeu precisou priorizar sua relação com os triúnviros frente ao vínculo que possuía com Cícero. Havia uma organização política desenhada pelos triúnviros, a fim de alcançarem seus objetivos individuais, e Clódio era uma figura importante para a execução dessa agenda. Nessa lógica, Pompeu não poderia ignorar as demandas desse aliado benéfico para proteger o arpinate (CORMARCK, 2016, p. 15). Em suma, o general entendeu que seria

¹⁶ Lei responsável por garantir a Pompeu o comando das legiões romanas na Terceira Guerra Mitridática. A lei assinada em 66 A.E.C. trouxe poderes excepcionais a Pompeu, gerando controvérsias entre os senadores mais tradicionais da República. Ainda assim, o general encerrou a guerra em 62 A.E.C., com vitória a Roma.

mais prudente abandonar Cícero, mesmo que isso significasse o banimento desse cidadão, do que se indispor com outras alianças.

Ainda assim, Pompeu exerceu um papel fundamental para a causa ciceroniana, juntamente com Ático. Assim, foi exclusivamente devido às suas alianças que ele conseguiu negociar sua restauração e restabelecer-se na República. Em outras palavras, “Durante esse período, Cícero visou negociar sua posição social a partir de aliados que pudessem levá-lo à restauração [...]” (OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 25). Ter aliados poderosos e que fossem capazes de fornecer informações dos desdobramentos em Roma foi essencial, nesse ínterim, o arpinate precisou articular seus círculos com pessoas que estivessem dispostas a planejar movimentos, tomar decisões e negociar seu retorno.

Com efeito, analisando essa rede de contato que se formou, partiremos de Ático desde que ele foi sua fonte mais constante no que diz respeito aos eventos da República e, principalmente, sobre as discussões que envolviam o retorno do orador. É válido ressaltar que esse relacionamento já existia há muito tempo, sobre isso há um consenso historiográfico de que esses dois homens teriam se aproximado ainda jovens quando compartilharam o tutor Quinto Múcio Scevola em seus processos de formação educacional (PINA POLO, 2016; TEMPEST, 2011). Assim, considerando o amplo número de cartas enviadas de Cícero para Ático é inegável que com o passar do tempo houve a consolidação desse relacionamento, o equestre aparece como uma figura íntima para o senador, uma vez que compartilham não apenas os horizontes públicos, mas também de suas vidas particulares. Essa confiança e mesmo dependência criada pela familiaridade que havia entre eles fica expressa na seguinte passagem:

Mas, onde está você? Você que tantas vezes aliviou, com suas palavras e conselhos, minhas preocupações e angústias; que sempre foi meu companheiro na vida política e um confidente dos meus problemas pessoais e um participante em minhas conversas e projetos [...] (Cic. *Att.* I, 18).

Retirado de uma missiva enviada aproximadamente em janeiro de 60 A.E.C., o trecho acima permite-nos visualizar o valor que Ático sempre teve para Cícero. A partir disso, questionar a natureza desse vínculo é um caminho interessante. Afinal, onde deitava esse relacionamento que embora seja carregado de amabilidade, também expressa uma utilidade evidente? Discorrendo sobre as concepções de amizade apresentadas pelos escritores latinos antigos, Williams (2012, p. 30) teoriza que a conexão entre Ático e Cícero pode ser interpretada em termos de melhores amigos. E isso se verifica não apenas nas missivas enviadas, com marcadores do comportamento íntimo e do companheirismo que os envolvia, como também na própria dedicatória que Cícero faz no *De Amicitia*, onde fundamenta a relação de confiança e

afeto que possuía com Ático. Essas considerações são expressivamente relevantes, pois ainda que esses elementos de amizade marquem outros períodos do relacionamento, eles aparecem de maneira expressiva durante o exílio de Cícero. Revelando, dessa maneira, a preocupação pontual que o orador tinha em reafirmar a confiança e o nível de intimidade que o ligava ao equestre.

Nesse ponto, existe uma coerência nesse comportamento, visto que o equestre tornou-se o principal canal de comunicação para o arpinate, como foi considerado anteriormente. Todavia, a importância de Ático vai para muito além da sua característica de anunciador, sua indispensabilidade revela-se ao se apresentar como um intermediador entre Cícero e os outros indivíduos da rede de contato. Para esse ponto, calcula-se ser preciso compreender o que significa ser um intermediário propriamente dito dentro da dinâmica que uma rede de relações interpessoais apresenta. Na definição de John Scott (2000, p. 86), “A intermediação de um ponto mede até que ponto um agente pode desempenhar o papel de ‘corretor’ ou ‘guardião’ com potencial de controle sobre os outros.” Além disso, Ático era um equestre poderoso em Roma, não apenas por ter multiplicado em proporções significativas os bens de sua família, mas pelo poder que esse dinheiro lhe dava. Ele era um indivíduo muito bem relacionado e, ainda que optasse por atuar nos bastidores da política romana, sua influência era notória e sólida entre os homens públicos à época (WELCH, 1996, p. 451).

Portanto, mostra-se concebível que a relevância do equestre para Cícero estivesse principalmente atrelada a sua função de mediador. Conectados há anos, compartilhando ideias sobre a República e sobre sua família, é inegável que Ático era um contato de confiança em Roma, uma pessoa a qual o orador confiou a atividade de negociar e construir vínculos com figuras capazes de promover seu retorno. Desse modo, representando o amigo em isolamento, Ático envolveu-se com aqueles indivíduos que entendiam ser apropriado restaurar Cícero. Ainda nessa perspectiva, o próprio arpinate indica essa comunicação que Ático executava com Pompeu de maneira a defender e articular os objetivos de Cícero em Roma: “Agora vou me referir ao que você me escreveu. Não vi o Cecílio Trifo. Pela sua carta, **soube de sua conversa com Pompeu.**” (Cic., *Att.*, III. 8, **grifo nosso**).

Os comentários sobre a comunicação que havia entre o general e o equestre marcam as missivas do banimento enviadas pelo arpinate; assim, entre as 27 enviadas para o equestre, mapeamos menções a Pompeu em 7 delas. Sempre tratando sobre as questões de seu banimento, Cícero escreve para Ático várias indagações com relação às respostas que Pompeu tinha para o problema e sobre quais estratégias o general estava planejando para promover o seu retorno. Demonstrando como Ático estava entrelaçado aos homens públicos, especialmente Pompeu,

Cícero escreve em uma missiva enviada em novembro de 58 A.E.C.: “[...] deu-me uma lista de todas os sinais para manter a esperança, o interesse de Lêntulo em minha causa, a boa vontade de Metelo e todo o plano de Pompeu.” (Cic., *Att.*, III. 23).

Cabem aqui algumas elucidações sobre o contato que havia entre Ático e Pompeu. É notório que esses homens possuíam algum tipo de contato mesmo antes do exílio do arpinate. Afinal, compartilhavam contatos, estavam em eventos públicos comuns, sobremaneira ambos eram reconhecidos dentro da sociedade romana. À mais, ao investigar a postura de negociador que Ático desempenhava, o historiador francês Gaston Boissier (1945) observa a familiaridade que ocorria entre esse equestre e Pompeu, o estudioso menciona que Ático teria conquistado o general por meio de ornamentações gregas e teatrais (BOISSIER, 1945, p. 87). Compactuando com essa conjectura, em uma carta enviada em 65 A.E.C. para Ático, Cícero discute sobre a presença de Pompeu para as eleições em Roma e consulta a perspectiva do equestre sobre a situação. À vista disso, o argumento de que esses dois homens trocavam informações sobre o exílio de Cícero e possuíam um contato político regular não figura como implausível.

Dessa maneira, vale frisar que o envolvimento de Pompeu seguia acompanhado de um interesse político maior. Como observamos anteriormente, já existia um histórico de relacionamento entre ele e o arpinate, mas a flexibilidade dos relacionamentos à época e a disputa de interesses levaram o general a sacrificar Cícero. Todavia, com alterações na dinâmica da República, a volta do orador passou a ser uma ferramenta interessante para certos nomes públicos. Na carta de número oito do livro três, escrita quando já se passavam alguns meses em isolamento, o orador questiona se a movimentação política em Roma é verdadeira ou se Ático estaria lhe passando esse tipo de informação apenas com o objetivo de o consolar (Cic., *Att.*, III. 8). Embora Cícero demonstre em suas cartas uma certa desesperança de que houvesse qualquer organização para seu retorno, de fato processava-se uma disposição em levá-lo de volta a Roma; é nessa perspectiva que Gordon (2006, p. 119) reflete que o elemento primordial da restauração ciceroniana não fora a pronúncia popular, mas sim um entendimento aristocrático, sendo incentivado por senadores e magistrados.

Nessa lógica, é possível aclararmos as motivações de Pompeu à causa ciceroniana, considerando a influência decisiva que desempenhou para que ela se concretizasse. Bem como observado anteriormente, esse relacionamento construía-se há longos anos, e mesmo enfrentando tensões e rompimentos, esse foi um vínculo marcado por benefícios mútuos (WILLIAM JÚNIOR, 2013). Além disso, a rede interpessoal de outrora já não servia mais às metas do general; na prática Clódio se revelou audacioso e corajoso o suficiente para desafiar figuras poderosas em Roma, sendo Pompeu um dos quais passou a contrariar; um episódio

marcante e decisivo para que o general passasse a ver o retorno do Cícero como um dispositivo valioso para sua própria imagem na República foi a intervenção de Clódio sobre as negociações¹⁷ com o rei da Armênia, Tigranes.

É relevante considerarmos, porém, que Pompeu optou por um posicionamento sutil ao apoiar a causa ciceroniana. Afinal, existiam outras alianças que lhe eram importantes e não poderia arriscá-las com decisões apressadas. Consequentemente, as ações desse general no processo de restauração do orador foram lentas e sutis, o que gerou aflição em Cícero. Ele transmitiu esse receio em escritos para Ático, desejando que seu informante fosse e compartilhasse as verdadeiras intenções do general. Nesse sentido, registrando sua desesperança de que Pompeu estaria seguramente buscando um plano para seu retorno, Cícero desabafa em agosto de 58 A.E.C.: “[...] que depois das eleições se iria tratar do meu assunto no Senado, tal como Pompeu lhe havia prometido. Mas já se celebraram as eleições e não me disse nada, considero que não há nada sobre o assunto [...]” (Cic., *Att.*, III, 14).

Seguindo com essa discussão, é preciso não confundir a cautela de Pompeu em sua articulação com algum tipo de inatividade. Conforme discorre Seager (2002, p. 106) esse general ainda mantinha um bom relacionamento com Júlio César e aquele não era um momento para confronto, nesse sentido, sua ação de suportar o retorno de Cícero vinha acompanhada de uma concordância com César, o que pode ter levado algum tempo. Esse raciocínio torna-se mais plausível quando analisamos as cartas enviadas nos meses de 57 A.E.C., quando o caso do arpinate avançou significativamente no Senado e entre os homens da República. Escrevendo para o equestre em meados de janeiro de 57 A.E.C., Cícero revela que soube pelo irmão - Quinto Cícero - sobre a aprovação pelo Senado de sua causa (Cic., *Att.*, III, 26). Sobre isso, em vista das circunstâncias que se deu o banimento do orador - com sua retirada voluntária, sem um julgamento propriamente -, seu retorno poderia ser estabelecido com a promulgação de um *senatus consultum ultimum*¹⁸.

Naturalmente houveram movimentações contrárias a restauração do arpinate, Clódio foi a principal voz contrária, empreendendo ações sutis que impediam o desdobramento da

¹⁷ Entre alguns desgastes que a aliança Pompeu e Clódio enfrentava, o estopim teria sido o avanço de Clódio contra a decisão do general romano em manter o filho de Tigranes, rei da Armênia, como prisioneiro em Roma. Pompeu teria capturado o herdeiro do rei a fim de negociar com Tigranes, contudo, Clódio realizou uma movimentação contrária, sequestrando o refém para enviá-lo de volta à Armênia - plano que não se concretizou, mas garantiu o afastamento do triúviro (SEAGER, 2002, p. 103). Em uma carta enviada no exílio, Cícero menciona essa situação, explorando como estavam os acontecimentos envolvendo Tigranes e alertando que “Se passarem por cima de Tigranes, tudo estará perdido.” (Cic., *Att.*, III, 8).

¹⁸ *Senatus consultum ultimum* pode ser traduzido em português “o decreto extremo do Senado”. Era um decreto aplicado em situações emergenciais de maneira decisiva, entendido como uma estratégia para garantir que a República não fosse atingida por danos maiores (SEAGER, 2002, p. 250)

discussão pelos magistrados. Diante do cenário que se instalava, Pompeu discursou publicamente em defesa da restauração, expondo a necessidade de levar a proposta para a *comitia centuriata*¹⁹. Assim, Pompeu preocupou-se em mobilizar suas redes de contato, usando sua clientela ao redor de Roma para obter um número favorável de votos (SEAGER, 2002, p. 107). Aqui se faz interessante observar que, filho do general Pompeu Estrabão²⁰, Pompeu garantiu uma extensa rede de influência por toda zona média do mar Adriático. Esses contatos herdados foram sendo ampliados por ele durante as campanhas militares que realizou. Por conseguinte, tão logo foi apresentada para votação na *comitia centuriata*, a qual ocorreu no dia 4 de agosto de 57 A.E.C., houve a aprovação da medida que garantia a restauração do orador a Roma (GORDON, 2006, p. 124). Logo, compreende-se o plano elaborado por Pompeu, isso é levar a discussão da volta de Cícero para a assembleia das centúrias e mobilizar seus aliados para a votação, foi decisivo para a restauração do orador.

Nesse segmento, tão rapidamente ficou ciente da decisão tomada, Cícero deu início à sua trajetória de retorno para a cidade. Em uma epístola enviada já em setembro de 57 A.E.C., o arpinate narra para Ático qual havia sido seu percurso desde sua saída de Dirráquio - local em que estava quando recebeu a notícia da aprovação de seu retorno -, até sua chegada em Roma (Cic, *Att.*, IV. 1). Além disso, o orador faz questão de expor sua chegada como um momento glorioso e com amplo reconhecimento pela população, bem como ele registra: “Quando me aproximava de Roma, não houve uma pessoa - de todas os grupos sociais -, conhecidas por meu ajudante, que não saíram ao meu encontro, exceto pelos meus inimigos declarados, os quais não era possível negar ou esconder a inimizade.” (Cic., *Att.*, IV. 1).

Consolidados esses elementos, podemos observar como a interação entre Pompeu e Ático foi crucial para a realização do plano desse general. Desempenhando um papel de comunicador para Cícero, desde que o equestre estava pessoalmente em Roma quando o arpinate não o podia fazer, Ático garantiu que o amigo estivesse bem informado sobre como a situação da restauração estava sendo encaminhada e - principalmente - que suas opiniões fossem chegassem até Pompeu. Torna-se perceptível, portanto, a interação que havia entre esses três indivíduos; foi especialmente por meio dessa rede que Cícero foi capaz de promover sua restauração e evitar que seu banimento se estendesse por mais tempo. Essa dependência com

¹⁹ Denominada como *comitia centuriata*, essa era uma assembleia composta pelas centúrias, era por meio dela que os magistrados eram eleitos e leis era colocadas para serem aprovadas pelos cidadãos romanos (TELLEGEN-COUPERUS, 2003, p. 14).

²⁰ Cneu Pompeu Estrabão foi um general importante na História da República Romana, por exemplo foi líder de tropas romanas na Guerra dos Aliados (disputa contra os italianos que buscavam formalização da cidadania romana, além disso foi pai de Cneu Pompeu Magno.

esses homens exigia uma boa estrutura, a fim de promover uma estabilidade e, assim, garantir a continuidade do apoio recebido desses aliados. A partir disso, mostra-se indispensável focalizar as lentes dessa análise sobre os elementos da amizade que cercam a narrativa feita por Cícero durante todo o seu período de isolamento.

Nas cartas destinadas para Ático no momento do banimento o que mais chama a atenção são os elementos associados à *amicitia* que são frequentemente empregados. Considerando a flexibilidade dos relacionamentos no período, recorda-se o próprio uso que Cícero dava a esse relacionamento, isso é incluindo a amizade romana nessa volatilidade, colocando-a como uma ferramenta com usos diferentes a depender da circunstância em que estivesse envolvido (MOFFIT-BROWN, 2019, p. 4). Com isso em mente, faz-se lógico que as cartas dos meses em banimento contenham inúmeros elementos da *amicitia*, utilizados pelo arpinate considerando seu interesse em acelerar o seu retorno à sua pátria. Seguindo com esse raciocínio, nota-se que há um cenário de envolvimento emocional que Cícero recupera em suas cartas com Ático. O orador busca expor constantemente a confiança (*fides*) e o afeto (*amor*) que sente pelo equestre, assim expressando quão indispensável e a figura única que seu intermediador era. Aliás, na carta de número quinze, ganha luz a diferenciação que ele traça entre Ático, o qual seria um amigo verdadeiro, e os homens falsos que outrora estiveram ao seu lado: “[...] de maneira que agora sinto que fui mais influenciado pela falsa amizade dos outros do que por sua amizade.” (Cic., *Att.*, III. 15). Em outro momento, na carta nove, ele faz uma distinção mais direta entre amigos bons e invejosos, quando ele diz: “[...] não foram meus inimigos que me afundaram, mas sim os amigos invejosos.” (Cic., *Att.*, III. 9). De qualquer forma, haja vista a conjuntura em que se encontrava, era valioso expor quão legítima sua amizade com Ático lhe parecia e como o equestre se destacava dos outros pela sua integridade.

Um ponto fundamental desse discurso de amizade que Cícero alimenta por meio de suas missivas no banimento é a questão de identificação que ele encontra com Ático, sendo esse um elemento basilar para a formação da amizade romana antiga. De acordo com Williams (2012, p. 15), a *amicitia* é um relacionamento que se estrutura a partir da noção de correspondência entre dois - ou mais - indivíduos, isso é, a visualização do amigo como uma extensão de si mesmo. A idealização em encontrar no amigo um *alter ego* é um eixo determinante para os homens antigos (WILLIAMS, 2012, p. 15). Dentro dessa lógica, portanto, o arpinate apresenta essa identificação para seu destinatário, reforçando - novamente - como seu relacionamento com Ático era único e elementar, analisemos: “Perdoe-me tudo isso, porque eu me culpo muito mais e também procuro você como um alter ego e como um companheiro do meu erro.” (Cic., *Att.*, III. 15). Essas declarações promovem um sentimento de familiaridade entre os indivíduos,

nesse sentido, quando essa afirmação aparece na escrita ciceroniana, gera-se uma reafirmação do laço entre Ático e Cícero.

Nessa comunicação, não passa despercebida a disposição desses recursos empregados por Cícero. Ele usualmente se preocupa em apresentá-los especialmente nos momentos em que Ático mostra-se desempenhando sua posição de intermediador. Em suma, muitas vezes Cícero percorre um caminho que remonta ao afeto da amizade e, em seguida, recupera o teor político de sua comunicação. Para analisarmos isso, podemos tomar a carta quinze, enviada em agosto de 58 A.E.C. Nessa missiva, o arpinate trata principalmente de dois assuntos: (1) sobre as informações trazidas por Ático acerca da disposição de Pompeu em ajudar com a causa da restauração e (2) eleva Ático ao posto de grande amigo, declarando o afeto que tinha pelo equestre. Visualiza-se:

Mas você, como eu, apenas ofereceu suas lágrimas a minha dor, como uma certa prova de afeto, e foi meu erro, não seu, que você não pensou dia e noite no que eu tinha que fazer, como você teria feito se minhas exigências tivessem sido mais firmes (Cic., *Att.*, III. 15).

A inserção desses elementos de uma boa amizade aparece, mas isso não faz com que Cícero abandone seu objetivo político na carta. Na verdade, é justamente inspirado por suas preocupações políticas que o orador faz questão de endossar a importância de se ter um amigo como Ático, um comunicador fiel e honesto. Além disso, por vezes o arpinate expressa seu agradecimento pelas atitudes de seu correspondente, deixando explícito como é importante para ele que o equestre esteja tão envolvido com a situação ainda que saiba como Cícero possivelmente não retribuirá o suporte em tão breve. Nesse aspecto, encontramos mais elementos da amizade ciceroniana, cujos valores são alicerçados no viés de que esse relacionamento busca a virtude e apoio mútuo, mas não - necessariamente - vantagens políticas (WILLIAMS, 2012).

Considerações finais

Dessarte, podemos verificar a importância que os relacionamentos interpessoais possuíam para essas figuras públicas à época. Ademais, sabe-se que esses relacionamentos possuíam naturezas e fins diversos no período, sobremaneira constatamos quão maleáveis eram esses acordos interpessoais - característica que, todavia, não afetava o potencial dessas articulações. De maneira mais específica, visualizou-se pormenorizadamente quão determinante o vínculo interpessoal com Ático e Pompeu foi vantajoso para Cícero, de modo

que foram capazes de articular o fim do exílio desse senador em curto tempo. À mais, foi possível depreender como existem papéis a serem desempenhados dentro das redes de sociabilidade, jogando luz em como essas articulações podem ser complexas. Nesse segmento, aventou-se a função de intermediador que Ático realizou no contato entre Cícero e Pompeu durante o banimento desse orador, como principal contato no período de isolamento geográfico que o senador enfrentou.

Com isso, no decorrer dessa argumentação, preocupamo-nos em empreendermos uma análise com relação ao emprego da *amicitia* que Cícero fez nesse vínculo que manteve com Ático e Pompeu. De fato, considera-se como ao incorporar referências da *amicitia*, fazendo contemplações sobre a proximidade e familiaridade de sua relação com o equestre, Cícero almejava reafirmar o vínculo estabelecido e garantir que assim permanecesse, prevenindo-se de qualquer abalo que pudesse impactar esse relacionamento. Já com relação ao general, o uso da amizade vem acompanhado da intenção de recuperar a proximidade de outrora, por conseguinte recuperando a aliança que tinham mantido por anos - mas que fora prejudicada pelo confronto envolvendo a coligação dos triúmviros de 60 A.E.C. Enquanto Ático atuava como intermediador, Pompeu tinha os contatos e vínculos capazes de mobilizar a aprovação da restauração do arpinate. Por fim, vale frisar que devido a vasta documentação ciceroniana, a aplicação da amizade dentro das redes de vínculo mantidas por ele pode ser explorada amplamente. Portanto, essas reflexões permitem que novos desdobramentos sejam captados no estudo da figura de Cícero e também dos seus relacionamentos interpessoais na República Romana.

Fontes utilizadas

CÍCERO, M. T. **Cartas a Ático**. Introducción, traducción y notas de Juan A. Ayala. México: Universidad Autónoma de México, 1975.

CÍCERO, M. T. **Letters to Atticus**. Translation by E. O. Winstedt. London: The Loeb Classical Library, William Heinemann. v.1, 1919.

Referências

BRANDÃO, J. L.; OLIVEIRA, F. de (org.). **História de Roma Antiga volume I**: das origens à morte de César. [Coimbra]: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

BRUNT, P. A. **The Fall of the Roman Republic and Related Essays**. New York: Oxford University Press, 1988.

BROWN-MOFFIT, M. **Cicero and His Exploration of Friendship**. 2019, 26f. Dissertation/Thesis (Bachelor of Arts in Classics). Honors Program Theses, University of Puget Sound, Tacoma, 2019.

- BOISSIER, G. **Cicero and His Friends**. London: Ward Lock & Co, 1897.
- CLAASSEN, J.M. **Cicero's Banishment: Tempora et Mores**. Classical Association of South Africa: Acta Classica, Pretoria, vol. 35, p. 19-47, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24594160>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- CORMACK, M. **Creatures of the triumvirs: A study of the patron-client relationship in the Late Roman Republic**. 2016. 79f. Thesis (Department University Scholars) - Baylor University, Waco, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2104/9686>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- ESPINOSA BUENO, M. **El exilio tardorrepblicano en la figura de Marco Tulio Cicerón**. 2014, 50f. Monografía (Grado en Historia). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Cantabria, Cantabria, 2014.
- KELLY, G. P. **A History of Exile in the Roman Republic**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- LOMAS, K. The Weakest Link: Elite Social Networks in Republican Italy. In.: ROSELAAR, S.T (ed.). **Processes of integration and identity formation in the Roman Republic**. The Netherlands: Brill, 2012, p. 197-215.
- LOMAS, K. Vicinitas: Neighbourhoods, Networks and Identities in Ciceronian Italy. **Gerión, Revista de Historia Antigua**, Madrid, vol. 37, n. 1, abr., p. 51-73, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/GERI.63868>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- MALHERBE, A. J. **Ancient Epistolary Theorists**. Georgia: Scholars Press, 1988.
- OLIVEIRA, A.C. A manutenção da amicitia a partir das estratégias de polidez das epistolae ad familiares de Cícero. **Verbum**, São Paulo, vol. 10, n. 1, maio, p. 100-114, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2316-3267.2021v10i1p100-114>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- OLIVEIRA, A.C. **QVID ENIM SVM? O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana**. 2019. 198f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- PÉREZ MEDINA, S. V. **Pompeyo, Craso y César (71-49 A.C.): Sus actividades, relaciones personales y contactos políticos en la crisis de la república romana**. 2015. 1622f. Tese (Doutorado em História Antiga), Facultad de Geografía e Historia, Madrid, 2015.
- PINA POLO, F. **Marco Tulio Cicerón**. Barcelona: Editorial Planeta, 2016.
- ROSILLO-LÓPEZ, C. Informal Political Communication and Network Theory in the Late Roman Republic. **Journal of Historical Network Research**, pp. 90-113, 2020.
- SEAGER, R. **Pompey the Great: A political biography**. [New Jersey]: Blackwell Publishing, 2. ed., 2002.
- SCOTT, J. **Social Network Analysis: A handbook**. London: Sage Publications, 2000.
- TEMPEST, K. **Cicero: Politics and Persuasion in Ancient Rome**. New York: Continuum, 2011.
- VON ALBRECHT, M. **Cicero's Style: A Synopsis**. Boston: Brill Leiden, 2003.
- WILLIAM JÚNIOR, C. E. **Pompey and Cicero: an alliance of convenience**. 2013, 141f. Thesis (Master of Arts). Texas State University, San Marcos, 2013.
- WILLIAMS, C. A. **Reading Roman Friendship**. New York: Cambridge University Press, 2012.

ZAERA GARCÍA, A. B. La condición de ciudadano del exiliado voluntario. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n° 13, jan., p. 12-20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24858/290>. Acesso em: 14 de abril de 2023.

ZORIC, V. **Banished with no force:** Exile and metonymy in Cicero's Pro Caecina Oratio. *Diacritics*, Vol. 40, n° 4, p. 72-103, 2012.